

Falta maior participação da comunidade no projeto

Falta de participação da comunidade. Esta é a explicação dada pelo arquiteto João Filgueiras Lima, o Lelé, para o alto índice de depreciação das escolas do Distrito Federal. Ele acredita que os alunos não têm a escola como um bem adquirido, mas um prédio imposto como outra edificação oficial qualquer. Com esta distância — conclui ele — não existe a sensação de uma coisa boa e produtiva que deve ser preservada.

João Filgueiras de Lima é responsável pelo projeto Fábrica de Escolas no Distrito Federal — criada a partir do sucesso que a idéia teve no Rio de Janeiro. Ele acredita que existe uma atipicidade nas escolas daqui, já que a construção de prédios com muros de dois metros e com aspectos de segurança estranhos a uma escola. Ele recebeu a recomendação do próprio secretário Fábio Bruno, para que já constassem nos projetos os muros para tentar barrar a criminalidade.

“Mas eu sou contra”, observa João Filgueiras. “Não podemos transformar a escola num forte armado por causa dos assaltos ou roubos”. Até mesmo do ponto de vista didático o arquiteto se mostra contrário, por que o aluno, geralmente criança com até 15 anos, sente-se preso. Aliás, lembra ele, muros de dois metros, como os desejados pela Secretaria de Educação, não evitam roubos e assaltos como pensam as professoras e diretoras.

REALIDADE

A guerra entre a idéia e a realidade também acontece com o arquiteto João Filgueiras. Con-

ta a diretora do Departamento de Engenharia da Fundação Educacional, Maria da Graça Mundim, que as paredes internas dos banheiros foram projetadas sem atingir a laje. Esta parede divide os sanitários das meninas e dos meninos. As professoras e a própria direção da Fundação Educacional lembraram que os meninos poderiam tentar olhar por cima das paredes ou até saltá-las. Mas esta promiscuidade foi rejeitada pelo arquiteto que conseguiu realizar o projeto como o concebera. Depois, a realidade lamentável prevista pela FEDF foi constatada e as paredes levantadas até a laje.

João Filgueiras de Lima não concorda com esta versão. Ele lembra apenas que foram pedidos muros altos e maior segurança. “É uma coisa mais da cabeça das pessoas”, lamenta o arquiteto, que não quer alimentar a idéia de que a escola deva ser protegida ao ponto de gradear as janelas, portas e até pequenas aberturas nas paredes em função da segurança.

Toda esta “paranóia que existe em relação às escolas do Distrito Federal” não atinge a criação de João Filgueiras. O seu projeto defende maior liberdade para os alunos, professores e a comunidade que se utiliza da escola. Até mesmo o próprio desenho urbano da cidade — observa ele — dificulta a organização das pessoas. Ficam muito isoladas e terminam não participando da escolha do terreno para a escola e do seu projeto.

Ele recorda o caso de uma escola que foi construída em uma das cidades satélites sem qualquer participação popular. Antes, a comunidade tinha o local

como campo de futebol. Sem estrutura ou organização. Mesmo assim, a Novacap decidiu e escolheu o local para a construção de uma escola sem qualquer discussão com a comunidade. Filgueiras frisa que este prédio só pode ser indesejado, até mesmo pelos alunos, já que não houve envolvimento da comunidade.

EXPERIÊNCIAS

As experiências vividas por João Filgueiras de Lima no Rio de Janeiro vêm de encontro ao desejo da Secretaria de Educação de proteger as escolas com muros e grades por causa da criminalidade. O arquiteto citou exemplos de favelas cariocas onde a professora sente-se segura dando aulas, os alunos maiores e até conhecidos marginais não ousam entrar nos prédios e terminam protegendo o lugar como um bem.

A proposta de escola aberta aplicada no Rio de Janeiro, onde aos sábados e domingos a comunidade pode utilizar as instalações (a não ser aquelas salas onde estão guardadas provas e materiais didáticos) funciona a contento, segundo constatou João Filgueiras. A comparação entre Brasília e Rio foi feita levando-se em conta a alta criminalidade da capital carioca.

Existe aqui uma atipicidade, pode ser que em algumas escolas a paranóia de segurança seja maior que outras e por isso as professoras e diretoras sejam assaltadas ou perseguidas sem poder dar as aulas adequadamente, observa o arquiteto, tentando explicar o fenômeno de autoproteção nas escolas do Distrito Federal.